



1. João Batista: modelo de vida para os cristãos da atualidade

Adolfo Suárez

Seminário Adventista Latinoamericano de Teologia

Brasília, Brasil

adolfo.suarez@adventistas.org

Recibido: 10 de agosto de 2024

Aceptado: 1 de diciembre de 2024

Doi: <https://doi.org/10.56487/089zrk41>

Introdução

Na vida cristã precisamos ter modelos que sejam nossa referência na caminhada rumo à pátria celestial. Estes modelos podem oferecer um padrão de conduta, exemplificando em sua vida como viver a fim de fazer a vontade do Pai celestial. E onde encontrar esse tipo de pessoas? Podemos encontrá-las na Bíblia. Assim, em lugar de encher nossa mente com histórias de pessoas de nossa sociedade que não são dignas de imitação, procuraremos nas Sagradas Escrituras homens ou mulheres que iluminem nossa caminhada e nosso preparo para a cidadania da nova terra.

A Sagrada Escritura “apresenta muitos nobres exemplos de homens cujo caráter foi formado sob direção divina; homens cuja vida foi uma bênção a seus semelhantes, e que estiveram no mundo como representantes de Deus”.¹ Assim, neste trabalho faremos um exercício simples: procuraremos na Palavra o registro da vida de uma pessoa digna de ser tomada como modelo, João Batista. Com a ajuda de textos bíblicos, comentários de Ellen G. White e apoio de diversos teólogos, abordaremos características do homem de quem o próprio Jesus Cristo disse: “Entre os nascidos de mulher, não apareceu ninguém maior do que João Batista” (Mt 11,11).

¹ Ellen G. White, *Educação*, 9ª ed. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003), 51.



João Batista foi precursor do Messias, e teve a responsabilidade de preparar o povo para a vinda de Jesus; para tanto, proclamou a necessidade do perdão dos pecados e ofereceu um batismo que simbolizava o arrependimento. O seu ministério incluiu algo espetacular: o batismo de Jesus no rio Jordão, onde deu testemunho de que Jesus era o enviado de Deus. Após uma vida de entrega, submissão e humildade, João foi preso e decapitado por Herodes Antipas aproximadamente em 29 d.C., enquanto Jesus ainda estava exercendo seu ministério.²

De acordo com Lucas 1,7.11-13, “o nascimento de João Batista — que aconteceu cerca de três meses antes do de Jesus — foi resultado da intervenção divina direta e assinalou um importante evento na história da redenção humana.”³ Paul Gardner descreve o episódio desta maneira:

Um sacerdote chamado Zacarias e sua esposa Isabel, a qual era estéril, viviam na região montanhosa ao sul de Jerusalém. Eram ambos bem idosos e tinham uma vida devotada aos mandamentos de Deus. Durante uma das semanas nas quais Zacarias ministrava em Jerusalém, recebeu o raro privilégio de oferecer incenso no Templo, um ato que simbolizava as orações do povo judeu. Enquanto Zacarias cumpria sua tarefa, um anjo lhe apareceu e anunciou que suas orações haviam sido respondidas, pois Isabel teria um filho. O texto não diz explicitamente que o casal pedia um filho, embora seja razoável pensar que sim. Lucas, entretanto, menciona que o povo do lado de fora do Templo orava, e sabemos que um dos elementos mais importante na oração do povo judeu era a esperança de que Deus lhes enviaria a salvação. As palavras que o anjo proferiu a seguir deixaram claro que Deus estava prestes a atender a ambos os pedidos. Com efeito, seria mediante um filho dado a Zacarias e a Isabel que o estágio final do plano da salvação seria colocado em andamento.⁴

E de forma bela e sucinta, Ellen G. White complementa:

Antes do nascimento de João, o anjo dissera: “Será grande diante do Senhor, e não beberá vinho, nem bebida forte, e será cheio do Espírito Santo”. Lc 1:15. Deus chamara o filho de Zacarias para uma grande obra, a maior já confiada a

² Walter A. Elwell, *Baker encyclopedia of the Bible* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1997), s. v. “John the Baptist”.

³ Paul, Gardner, *Quem é quem na Bíblia Sagrada: a história de todas as personagens da Bíblia* (São Paulo: Vida, 2005), 518.

⁴ *Ibid.*, 518-519.

homens. A fim de cumprir essa obra, precisava de que o Senhor com ele cooperasse. E o Espírito de Deus seria com ele, caso desse ouvidos às instruções do anjo.⁵

Lucas nos informa que “o menino crescia e se fortalecia em espírito. E viveu nos desertos até o dia em que havia de manifestar-se a Israel” (Lc 1,80). O tempo de sua manifestação chegou. Sendo já adulto, começou seu ministério. É deste João Batista envolvido em preparar as pessoas para o aparecimento do Messias que aprendemos preciosas lições para o nosso estilo de vida contemporâneo.

Santidade

“Herodias odiava João Batista e queria matá-lo, mas não conseguia fazer isso. Porque Herodes temia João, sabendo que era homem justo e santo, e o mantinha em segurança. E, quando o ouvia, ficava perplexo, embora gostasse de escutá-lo” (Mc 6,19-20). Ao reconhecer sua justiça e santidade, Herodes sabia e admitia que João não apenas era inocente de qualquer crime, mas era também uma pessoa excelente, sendo justo, ou seja, aprovado por Deus, e também era santo, isto é, “um homem de conduta correta, separado e consagrado para o serviço de Deus”.⁶

João Batista fora chamado para ser o mensageiro de Jeová; ele deveria “imprimir” nas pessoas uma “nova direção aos pensamentos”. Ele deveria impressioná-las “com a santidade dos reclamos divinos”.⁷ Ora, se ele fora chamado para exercer uma obra de santidade, então ele próprio deveria ser santo. João Batista era um santo homem de Deus.

Você e eu temos que ser santo porque precisamos “ser um templo para a presença do Espírito de Deus”.⁸ Ser santo significa “separado, piedoso, moral e eticamente correto, uma pessoa favorecida por Deus por causa

⁵ Ellen G. White, *O Desejado de todas as nações*, 17ª ed. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1990), 100.

⁶ William Hendriksen, *Comentário do Novo Testamento: Marcos*, 2ª ed., trad. por L. Ribeiro (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014), 264.

⁷ White, *O Desejado de todas as nações*, 100.

⁸ *Ibid.*

de sua participação na santidade divina”⁹ Assim, santo é alguém consagrado a Deus, dedicado a ele, que vive com uma conduta coerente com o Senhor, que nos convida a sermos santos: santos em nossa vida particular, em nossa vida familiar, em nossa vida profissional. Neste sentido, ser santo não é uma consecução, mas uma caminhada, um estado de vida: quando Deus nos aceita como seus filhos e filhas, ele tem uma missão para cada um de nós; e ele nos santifica para essa missão: escolhe-nos, separa-nos e dedica-nos a ele.

Domínio próprio

Porque o próprio Herodes havia mandado prender João e amarrá-lo na prisão, por causa de Herodias, mulher do seu irmão Filipe, com a qual Herodes havia casado. Pois João lhe dizia: “Você não tem o direito de viver com a mulher do seu irmão.” Herodias odiava João Batista e queria matá-lo, mas não conseguia fazer isso (Mc 6,17-19).

Na época de João Batista, “a cobiça das riquezas e o amor do luxo e da ostentação se haviam alastrado”. Além disso, “os prazeres sensuais, banquetes e bebidas, estavam causando moléstias e degeneração física, amortecendo as percepções espirituais, e insensibilizando as pessoas para o pecado”.¹⁰ As pessoas viviam como queriam, e quem quisesse ser diferente, quem quisesse viver a vontade de Deus, precisava dominar os apetites e as paixões.

Para poder viver a expectativa de Deus, João Batista aprendeu a dominar sua vida, suas inclinações. Dessa forma, ele foi capaz de se manter inabalável na sociedade, tão inabalável como as rochas e montanhas do deserto.

João Batista era disciplinado. Ele tinha um caráter firme, decidido, focado. Nada era capaz de distraí-lo da missão que tinha. Como filhos e filhas de Deus precisamos ser disciplinados: decididos, focados, inabaláveis como as rochas, firmes na missão e na caminhada para a salvação.

⁹ Rusell N. Champlin, *Enciclopédia de Bíblia, teologia & filosofia* (São Paulo: Hagnos, 2013), s. v. “santos”.

¹⁰ White, *O Desejado de todas as nações*, 100.

Todos quantos querem aperfeiçoar a santidade no temor de Deus, têm que aprender as lições da temperança e do domínio próprio. Os apetites e paixões devem ser mantidos em sujeição às mais elevadas faculdades do espírito. Esta autodisciplina é essencial àquela resistência mental e visão espiritual que nos habilitarão para compreender e praticar as sagradas verdades da Palavra de Deus. É por esta razão que a temperança tem seu lugar na obra de preparação para a segunda vinda de Cristo.¹¹

Reforma

Quando João viu que muitos fariseus e saduceus vinham ao seu batismo, disse-lhes: Raça de víboras! Quem deu a entender que vocês podem fugir da ira que está por vir? Produzam fruto digno de arrependimento! E não pensem que podem dizer uns aos outros: “Temos por pai Abraão”, porque eu afirmo a vocês que Deus pode fazer com que destas pedras surjam filhos a Abraão. E o machado já está posto à raiz das árvores. Portanto, toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo (Mt 3,7-10).

A mensagem de João Batista “não era prolixa, porém concisa; não era complacente, porém perscrutadora da alma; não era bajuladora, porém assustadora, pelo menos em certo grau considerável”;¹² afinal, reformadores podem causar temor e tremor, pois sua vida costuma ser chamativa, e sua mensagem, reflexiva e confrontadora. O Batista “era um pregador da condenação iminente (ver vv. 7 e 10), uma catástrofe que só poderia ser evitada mediante uma reviravolta radical do coração e da mente”.¹³ Era necessária uma reforma drástica.

Diante da bagunça, da licenciosidade e da permissividade de seus dias, “João devia assumir a posição de reformador. Por sua vida abstinentemente e simplicidade de vestuário, devia constituir uma repreensão para sua época”. Ficam evidentes, então, “as instruções dadas aos pais de João — uma lição de temperança dada por um anjo do trono do Céu”.¹⁴

¹¹ *Ibid.*

¹² William Hendriksen, *Comentário do Novo Testamento: Mateus*, vol. 1, 2ª ed., trad. por V. G. Martins (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2010), 245.

¹³ *Ibid.*

¹⁴ White, *O Desejado de todas as nações*, 100-101.

Note que diante de uma sociedade desregrada, João Batista não fez campanha, projeto ou movimento; não fez cartaz, propaganda ou *marketing*. Ele era a campanha; ele era o projeto; ele era o movimento. Sua vida era seu discurso; antes mesmo de pregar o que as pessoas deveriam abandonar, ele já demonstrava em sua vida a mudança que deveria ocorrer. Antes mesmo de pregar como as pessoas deveriam viver, ele já demonstrava em sua vida o modo correto de vida.

E quando tudo isso começou? Sua vida como reformador começou antes de seu nascimento, com a mensagem do anjo para seus pais, que a levaram a sério. E desde a infância eles inculcaram no menino João a disciplina e o espírito do reformador. Ellen G. White afirma que “na infância e mocidade, o caráter é extremamente impressionável. Deve ser adquirido então o domínio próprio”, pois “exercem-se, no círculo de família, ao redor da mesa, influências cujos resultados são duradouros como a eternidade”.¹⁵

Essa afirmação deveria fazer-nos pensar no seguinte: As características do domínio próprio e de ser um reformador não se cultivam na vida adulta; suas raízes estão na infância. Isso quer dizer que se quisermos pessoas disciplinadas e com perfil de reformador, como João Batista, precisamos começar esse trabalho nos lares. Por que?

Acima de quaisquer dotes naturais, os hábitos estabelecidos nos primeiros anos decidem se a pessoa será vitoriosa ou vencida na batalha da vida. A juventude é o tempo da sementeira. Determina o caráter da colheita, para esta vida e para a outra.¹⁶

João Batista era um reformador e isso começou na infância. Ser um reformador significa mostrar na vida as mudanças que queremos que aconteçam na igreja e na sociedade; ser um reformador significa repreender o mau comportamento com o poderoso sermão de uma vida guiada pela vontade de Deus.

¹⁵ *Ibid.*, 101.

¹⁶ *Ibid.*

Conciliação

Ele converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor, seu Deus. E irá adiante do Senhor no espírito e poder de Elias, para converter o coração dos pais aos filhos, converter os desobedientes à prudência dos justos e habilitar para o Senhor um povo preparado (Lc 1,16-17).

As palavras de Lucas remontam às palavras do profeta Malaquias (4,5-6), aplicadas a João Batista por um “anjo do Senhor (Lc 1,11). O profeta Malaquias adverte que, como resultado dos casamentos mistos (Ml 2,11) e o divórcio fácil (2,14), as relações familiares haviam se corrompido.¹⁷ Essa situação prevalecia na época de Cristo, “como se pode entender claramente à luz dos ensinamentos de Cristo acerca do divórcio e do segundo casamento (Mt 5,32; 19,9)”.¹⁸ Nota-se que um dos propósitos da pregação de Malaquias era advertir o povo a respeito dessa situação familiar; e a pregação de João também apontava nessa mesma direção. E por que isso era tão importante? “Com pais crentes e filhos igualmente justos emana como resultado a harmonia familiar; conseqüentemente também um testemunho efetivo.”¹⁹ De fato, “a vida familiar é de suma importância, e isso não só para o bem-estar físico e espiritual dos pais, mas também para a verdadeira prosperidade da nação, da igreja e da sociedade em geral”; da perspectiva espiritual, “a brecha entre as gerações é frequentemente ruinosas”.²⁰

Fica claro então que, ao mesmo tempo que João Batista era um reformador (o que pressupõe uma figura forte e decidida), ele também era um conciliador (o que pressupõe uma figura acolhedora). A mensagem profetizada por ele conduziria ao verdadeiro arrependimento, e, por ela, muitos se voltariam a Deus. Isto quer dizer que o precursor de Jesus exerceu papel conciliador, convencendo os israelitas a retornarem aos caminhos de seus pais, que haviam vivido grandes experiências com Deus.

¹⁷ William Hendriksen, *Comentário do Novo Testamento: Lucas*, 2ª ed., trad. por V. G. Martins (São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2014), 95.

¹⁸ *Ibid.*

¹⁹ *Ibid.*, 95, 96.

²⁰ *Ibid.*, 96.

Ser conciliador significa convidar as pessoas a se aproximarem do Senhor, a voltarem e se entregarem a ele, experimentando — como resultado — a conversão genuína. Do mesmo modo, os cristãos de hoje precisam exercer um papel conciliador, ensinando por palavras e exemplo a necessidade de retornar ao convívio do Pai celestial.

Estudo

“E foi assim que João Batista apareceu no deserto, pregando batismo de arrependimento para remissão de pecados. E toda a região da Judeia e todos os moradores de Jerusalém iam até ele” (Mc 1,4-5). João Batista tinha um discurso poderoso, tanto na forma quanto no conteúdo. Indubitavelmente, sua pregação tinha conteúdo sólido a tal ponto que as pessoas iam até ele para ouvi-lo, o que mostra seu profundo impacto na sociedade. Onde ele estudou? O quê ele estudou?

Ellen G. White nos informa que “segundo a ordem natural, o filho de Zacarias teria sido educado para o sacerdócio. A educação das escolas dos rabis, no entanto, tê-lo-ia incapacitado para sua obra”. Por causa disso, “Deus não o mandou aos mestres de teologia para aprender a interpretar as Escrituras. Chamou-o ao deserto, a fim de aprender acerca da natureza, e do Deus da natureza”.²¹ Em meio a uma vida quieta,

com a iluminada visão facultada pelo Espírito divino, estudava o caráter dos homens, a fim de saber como lhes chegar ao coração com a mensagem do Céu [...] Meditando e orando, na solidão, buscava preparar-se para a obra de sua vida.²²

Além do mais, “João encontrou no deserto sua escola e santuário”.²³ O profeta tinha um deserto literal, e nele desfrutava uma experiência de intenso aprendizado. No deserto, o Batista bebia da Fonte do conhecimento.

Precisamos ter nosso “deserto”, que seja nossa escola e nosso santuário. Nossa escola para fortalecer nosso intelecto, e nosso santuário para

²¹ White, *O Desejado de todas as nações*, 101.

²² *Ibid.*, 102.

²³ *Ibid.*

fortalecer nossa fé. Esse “deserto” pode ser o escritório em casa ou no trabalho, ou algum outro lugar onde diariamente possamos ler, estudar, aprofundar, escavar a verdade.

Simplicidade e abnegação

“Pois veio João Batista, não comendo pão nem bebendo vinho, e vocês dizem: Ele tem demônio!” (Lc 7,33). Ao passar boa parte do seu tempo no deserto, João Batista renunciou ao luxo e às diversões, e se acostumou à vida rigorosa dos lugares ermos que tinham dois componentes essenciais complementares: simplicidade e abnegação. Simplicidade se refere ao que é natural, frugal, despretenso. Uma pessoa simples é alguém que tem um comportamento austero, modesto. Por outro lado, abnegação é uma vida de renúncia, uma vida sacrificada, que abre mão dos próprios interesses.

Abnegação e simplicidade são características que andam juntas. Quem é simples, é abnegado; quem é abnegado, é simples. Filhos e filhas de Deus devem ser simples e abnegados porque, como suas testemunhas e representantes, precisamos mostrar às pessoas que seguir Cristo tem altos custos: exige sacrifício, exige uma vida simples. Quem conhecia João Batista, logo no primeiro encontro percebia que ele era poderosamente simples e contagiantemente abnegado; não é por acaso que as pessoas ficavam extremamente sensibilizadas por sua pregação e sua vida.

Sociabilidade

Então as multidões perguntaram a João: O que é que devemos fazer? Também alguns publicanos chegaram para ser batizados e perguntaram a João: Mestre, o que devemos fazer? Também soldados lhe perguntaram: E nós, o que devemos fazer? E assim, com muitas outras exortações, João anunciava o evangelho ao povo (Lc 3,10.12.14.18).

Pode parecer, pelo que comentamos até aqui, que João Batista era um alienado, um ermitão, antissocial, alguém ensimesmado. Nada disso! Os textos acima mostram o profeta entre as pessoas, conversando,

interagindo, respondendo perguntas, aplicando sua pregação, muito à vontade entre todo tipo de gente. Neste sentido, Ellen G. White registra:

A vida de João não era [...] passada em ociosidade, em ascética tristeza, em isolamento egoísta. Ia de tempos a tempos misturar-se com os homens; e era sempre observador interessado do que se passava no mundo. De seu quieto retiro, vigiava o desdobrar dos acontecimentos. Com a iluminada visão facultada pelo Espírito divino, estudava o caráter dos homens, a fim de saber como lhes chegar ao coração com a mensagem do Céu. Pesava sobre ele a responsabilidade de sua missão. Meditando e orando, na solidão, buscava preparar-se para a obra de sua vida.²⁴

Tudo indica que João Batista tinha uma personalidade interessantíssima, que misturava estilo introvertido e extrovertido. Em sua introversão, ele passava longo tempo no deserto; em sua extroversão, ele se misturava com as pessoas. E observe que ele estudava o caráter das pessoas para poder prepará-las, para poder entregar as mensagens a elas. Ele estudava o caráter das pessoas com fins evangelísticos. Precisamos investir tempo estudando o caráter das pessoas, o estilo das pessoas, o comportamento das pessoas, para fins evangelísticos.

A vida de João Batista, entre o deserto e as multidões, é um tremendo puxão de orelhas a pessoas que pensam que a vida cristã se resume a morar nas montanhas, e de lá ficar criticando meio mundo. Preste atenção ao que Ellen G. White escreveu:

Deus dera a João Batista instruções para habitar no deserto, a fim de prepará-lo contra a influência dos sacerdotes e rabis, e prepará-lo para uma missão especial. A austeridade e isolamento de sua vida, porém, não eram um exemplo para o povo. O próprio João não ordenara a seus ouvintes que abandonassem seus anteriores deveres. Pediu-lhes que dessem demonstração de arrependimento pela fidelidade a Deus, no lugar em que Ele os chamara.²⁵

Portanto, a partir do exemplo de João Batista, o princípio é claro: “Não devemos renunciar à comunhão social. Não nos devemos retirar dos outros. A fim de atingir todas as classes, precisamos ir ter com elas. Raramente nos virão procurar de moto próprio.”²⁶ Uma vida antissocial, que

²⁴ *Ibid.*

²⁵ *Ibid.*, 150.

²⁶ *Ibid.*, 152.

se limita ao mero convívio entre os iguais, apresenta resultados negativos, pois “os que buscam esconder sua religião [...] ocultando-a dentro de muros de pedra, perdem valiosas oportunidades de fazer bem”. Por outro lado, “por meio das relações sociais, o cristianismo se põe em contato com o mundo. Todo o que recebeu divina iluminação, deve lançar luz sobre o caminho dos que não conhecem a Luz da vida”.²⁷

A vida de João Batista, entre o deserto e as multidões, é uma tremenda inspiração.

Reverência

“Naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judeia. Ele dizia: Arrependam-se, porque está próximo o Reino dos Céus” (Mt 3,1). A mensagem apresentada por João era solene: apelava ao arrependimento do pecado, antecipando a missão do Messias, descrita em Mt 1,21: “Ele salvará o seu povo dos pecados deles.” Na língua grega, idioma do Novo Testamento, “o arrependimento implicava tradicionalmente uma mudança de mente ou de atitude, mas, sob a influência do Antigo Testamento, assumiu também o sentido de uma mudança de ação”.²⁸

Esta combinação de mudança mental e comportamental significa que João estava pedindo aos seus ouvintes que mudassem o seu modo de vida como resultado direto de uma mudança radical de pensamento e de atitude em relação ao pecado e à justiça. Um apelo tão pleno resultava da crença de que uma nova época da história mundial estava a despontar; afinal, o Messias estava às portas; o Reino estava chegando.²⁹

Desta forma, “num misto de respeito e regozijo, [João] examinava nos rolos dos profetas as revelações da vinda do Messias — a Semente prometida que haveria de esmagar a cabeça da serpente”.³⁰ O que tanto acalentara o coração do povo de Deus, finalmente se cumprira. “Agora chegara

²⁷ *Ibid.*

²⁸ Craig Blomberg, *Matthew*, NAC 22 (Nashville, TN: Broadman, 1992), 73.

²⁹ *Ibid.*

³⁰ White, *O Desejado de todas as nações*, 103.

o tempo. No palácio do monte de Sião senta-se um governador romano. Segundo a firme palavra do Senhor, o Cristo já nascera.”³¹

João Batista encarava sua missão com profundo respeito, e seu Deus com profunda reverência. Para ele, as palavras de Deus a Moisés, também ditas no deserto, tinham significado especial.

Filhos e filhas do Pai celestial devem olhar com solenidade os tempos que vivemos, e com profundo respeito ao Deus soberano. A missão deve ser encarada com alegria, mas sempre lembrando da reverência que devemos dedicar ao Senhor da missão. “A humildade e a reverência devem caracterizar o comportamento de todos os que vão à presença de Deus. Em nome de Jesus podemos ir perante ele com confiança”, assegura Ellen G. White; mas em seguida adverte: “Não devemos, porém, aproximarmos dele com uma ousadia presunçosa, como se ele estivesse no mesmo nível que nós outros.” E a mensageira do Senhor completa:

Deus deve ser grandemente reverenciado; todos os que em verdade se compenetraram de Sua presença, prostrar-se-ão com humildade perante ele, e, como Jacó, ao contemplar a visão de Deus, exclamarão: “Quão terrível é este lugar! Este não é outro lugar senão a casa de Deus; esta é a porta dos Céus.”³²

Deus nos fala em dias comuns, falando com pessoas comuns, mas ele não é um ser comum. Ele é Deus, e nós nunca devemos perder o senso de sua grandeza, de sua glória, de sua majestade, soberania, poder e santidade. Ele é um ser santo, e deve ser respeitado como tal. Além disso, as coisas dele são sagradas: sua Palavra escrita, seu templo, seus símbolos.

Estamos a serviço de um Deus santo, servindo sua igreja. E se espera que sejamos reverentes, sempre.

Singularidade

“Usava João vestes de pelos de camelo e um cinto de couro; a sua alimentação eram gafanhotos e mel silvestre” (Mt 3,4). As vestes ascéticas de João Batista têm como modelo as de Elias, descritas em 2 Reis 1,8, a

³¹ *Ibid.*

³² Ellen G. White, *Patriarcas e profetas*, 12ª ed. (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1991), 255-256.

quem João também se assemelha no seu aparecimento repentino, na sua vida solitária, na sua mensagem intransigente e no seu eventual confronto com o “rei” e a sua esposa.³³

O “figurino” singular do Batista nos faz pensar em pelo menos três conceitos essenciais, aplicáveis para nós, pessoas da atualidade.³⁴ Em primeiro lugar, um ser humano pode ser a sua mensagem. As roupas do profeta são símbolo de algo muito maior: ele pretendia apresentar um exemplo de severo autocontrole como um contraste marcante com o luxo e a autoindulgência daquela época. De fato, há força moral numa roupa distinta, modesta, simples, bem como há uma mensagem positivamente marcante numa postura austera, sóbria. Isto mostra o poderoso sermão de uma vida correta.

Em segundo lugar, o ser humano é poderosamente influente. Pessoas têm diversas ocupações, com impactos diversificados. Entretanto, o ser humano é mais do que a sua atividade. O que ele é, é mais importante do que o que ele faz. A sua influência inconsciente é mais eficaz do que a sua influência consciente. Por isso, é razoável pensar que se João Batista não tivesse dito nada, mesmo assim teria pregado o arrependimento pelas suas roupas e pela sua comida, pelo seu estilo de vida. Daí decorre o dever de fazer do nosso vestuário e dos nossos hábitos a simples expressão de nós mesmos.

Finalmente, em terceiro lugar, o ser humano deve cuidar bem de si mesmo a fim de exercer a melhor influência possível. Foi exatamente isso que João fez: ele colocou seus hábitos diários em severa auto-restrição; reduziu suas roupas e alimentos aos limites mais estreitos. E isso porque ele inteligentemente colocou diante de si um objetivo preciso: preparar o caminho do Messias. A postura do Batista nos faz pensar que um ser humano nunca é o seu verdadeiro eu enquanto permite que a sua influência pessoal seja um mero acidente. A maioria das pessoas apenas influencia por acaso. Todavia, pessoas nobres e diferenciadas

³³ Richard T. France, *The Gospel according to Matthew: An introduction and commentary* (Leicester: InterVarsity, 1985), 96.

³⁴ Baseado em Henry D. M. Spence-Jones, ed., *St. Matthew*, vol. 1, *The Pulpit Commentary* (New York: Funk & Wagnalls, 1909), 99.

— que são a minoria — decidem influenciar, decidem como vão influenciar e colocam-se em restrições sagradas para potencializar sua influência.

João Batista era singular, único. Mas sua singularidade, em vez de torná-lo alguém estranho, esquisito, o tornava alguém atrativo. Ellen G. White afirma que “o singular aspecto de João fazia a mente dos ouvintes reportar-se aos antigos videntes. Nas maneiras e no vestuário, assemelhava-se ao profeta Elias”; e acrescenta: “Com o espírito e poder deste, denunciava a corrupção nacional, e repreendia os pecados dominantes. Suas palavras eram claras, incisivas, convincentes. Muitos acreditavam que fosse um dos profetas ressuscitado.” E qual o resultado? “Toda a nação se comoveu. Multidões afluíam ao deserto.”³⁵

Ser singular significa ser diferente, inigualável, incomparável. O fiel filho e filha de Deus não pode ser mera cópia de outro; deve ser alguém especial, não a ponto de ser excêntrico, bizarro, mas a ponto de ser ímpar e sui generis. Como João Batista.

Humildade

Este foi o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para lhe perguntarem: quem és tu? Ele confessou e não negou; confessou: eu não sou o Cristo. Então, lhe perguntaram: quem és, pois? És tu Elias? Ele disse: não sou. És tu o profeta? Respondeu: não. Disseram-lhe, pois: declara-nos quem és, para que demos resposta àqueles que nos enviaram; que dizes a respeito de ti mesmo? Então, ele respondeu, “eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías”.

Ora, os que haviam sido enviados eram de entre os fariseus. E perguntaram-lhe: então, por que batizas, se não és o Cristo, nem Elias, nem o profeta? Respondeu-lhes João: eu batizo com água; mas, no meio de vós, está quem vós não conheceis, o qual vem após mim, do qual não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias (Jo 1,19-27).

³⁵ White, *O Desejado de todas as nações*, 104.

“No judaísmo do primeiro século”, afirma Colin Kruse, “a tarefa de tirar as sandálias e lavar os pés era efetuada por servos. Normalmente, não se pedia a um servo judeu que o fizesse, sendo essa tarefa atribuída de preferência a servos gentios”. Desta maneira, “ao dizer que não era digno de desamarrar as sandálias de Jesus, João estava a fazer uma afirmação clara sobre a dignidade de Cristo, que ultrapassava em muito a sua”.³⁶

De acordo com o teólogo Chafer, “a humildade é uma característica divina a ser encontrada nos corações humanos somente com a operação interior do Espírito Santo. Ela está muito longe de ser uma auto-depreciação ou um complexo de inferioridade”.³⁷ A pessoa humilde não se faz pequena quando é realmente grande, mas pensa “em si mesma com moderação, porque esta é, num certo sentido, a estima correta de um ser humano, por maior que seja”.³⁸

João Batista adquiriu reconhecimento, fama, boa reputação. Mas ele sempre se manteve humilde, a ponto de ter noção clara não apenas de quem ele era, mas também quem ele não era. Humildade é a virtude que nos dá o sentimento de nossa fraqueza e limitações. Humildade é modéstia. Ser humilde é permitir que a vontade de Deus floresça em nossa vida. João Batista viveu assim. Nunca se considerou “a cereja do bolo”. E embora corajoso e decidido, se manteve humilde ao longo de seu ministério.

Conclusão

Neste artigo eu compartilhei com você dez características da vida de João Batista. Vimos que ele cultivou traços marcantes como santidade, domínio próprio, reforma, conciliação, estudo, simplicidade e abnegação, sociabilidade, reverência, singularidade e humildade.

³⁶ Colin G. Kruse, *John: An introduction and commentary*, Tyndale New Testament Commentaries 4 (Downers Grove, IL: InterVarsity, 2003), 79.

³⁷ Lewis S. Chafer, *Teologia sistemática*, 3ª ed., vol. 7, trad. por Heber Carlos de Campos (São Paulo: Hagnos, 2013), 143.

³⁸ J. Strong, *Léxico hebraico, aramaico e grego de Strong* (Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002).

Consegue você imaginar o efeito de uma pessoa com essas características, convivendo com outras pessoas? Sem dúvida, a influência de uma pessoa assim é marcante. De fato, Ellen G. White declara:

Muitos deram ouvidos a suas instruções. Muitos sacrificaram tudo, a fim de obedecer. Multidões seguiam a esse novo mestre de um lugar para outro, e não poucos nutriam a esperança de que fosse o Messias. Mas, vendo João o povo voltar-se para ele, buscava todas as oportunidades de encaminhar-lhes a fé para Aquele que haveria de vir.³⁹

Mais do que apenas impacto ou admiração, nossa vida deveria causar efeito transformador na vida das pessoas com as quais convivemos. Para tanto, cultivemos características como estas de João Batista que foram aqui apresentadas. Desta maneira, com um estilo de vida contagiante, seremos dignos representantes do Senhor onde estivermos e com quem convivemos, e também candidatos à cidadania celestial.

³⁹ White, *O Desejado de todas as nações*, 108.